

“Anoitecer”: romantismo escultórico como véu da exclusão étnico-racial na escultura pública capixaba dos anos de 1970

“Anoitecer”, sculptural romanticism as a veil of ethnic-racial exclusion in public sculpture in Espírito Santo in the 1970s

Fabíola Fraga Nunes¹
(PPGA/UFES/FAPES)
Giuliano de Miranda²
(PPGA/UFES/FAPES)
Aparecido José Cirilo³
(UFES/CNPQ/FAPES/CAPES)

Resumo: “Anoitecer” é uma versão em madeira de monumento capixaba à Dona Dominga. O monumento em bronze retrata a forma geral de uma mulher idosa, pobre, negra e periférica, e sua réplica no MNBA, revela exatamente a mulher no ocaso de sua vida, sugerido no título dado pelo artista. A pesquisa se propõe adentrar no aspecto humano dos monumentos públicos, para além do concreto de sua construção. Em especial, fará uma interlocução entre o monumento a Dominga, de Carlo Crepaz e a questão do preconceito étnico-racial. A partir de Dominga, discut-se a permanência do apagamento de mulheres negras e periféricas de uma forma geral.

Palavras-chave: arte pública capixaba; memória; monumentos; história; gênero.

Abstract: “Anoitecer” is the name of a sculpture that belongs to the collection of the National Museum of Fine Arts in Rio de Janeiro and is a wooden version of a monument to Dona Dominga from Espírito Santo. The bronze monument depicts the general form of an elderly, poor, black woman from the outskirts of the city, and its replica at the MNBA reveals exactly the woman at the end of her life, as suggested in the title given by the artist. The research aims to delve into the human aspect of public monuments, beyond the concrete nature of their construction. It will engage in a dialogue between the monument to Dominga by Carlo Crepaz and the issue of ethnic-racial prejudice. Based on Dominga, the study discusses the ongoing erasure of black and outskirts women in general.

Keywords: public art in the state of Espírito Santo; memory; monuments; history; gender.



O conteúdo desta obra está licenciado sob uma licença [Creative Commons Atribución-NoComercial-CompartirIgual 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/).

¹ Mestranda em Artes pelo Programa de Pós-graduação da Universidade Federal do Espírito Santo, graduação em Artes Visuais pela Universidade Federal do Espírito Santo (2008). Atua como pesquisadora em projetos de extensão desenvolvidos pelo LEENA (Laboratório de extensão e pesquisa em Artes/UFES). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4407754677472529>. ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2607-7992>.

² Possui graduação em Pedagogia pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (2018). Pesquisador do LEENA/UFES atuando no Projeto de extensão da FAPES. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4506008230433596>. ID ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-0629-1805>.

³ Pós-doutor em Artes pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. Professor Permanente do Programa de Pós-graduação em Artes (PPGA/UFES). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6252535690546666>. ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6864-3553>.

Introdução

Monumentos são reservatórios de memórias, guardiões fidedignos de lembranças e significados, nesse sentido, trazer à tona, emergir a trajetória de Dona Dominga, tendo como mola propulsora sua escultura, constituiu-se num trabalho não apenas catedrático, acadêmico, mas também numa questão sociológica que transcende o arcabouço teórico, rompe os muros do bronze, se impõe, uma mulher negra com uma História de perseverança e força. Os monumentos públicos, como o de Dona Dominga, possuem, acima de tudo, a função social de resistir, se levantar, sobreviver, sendo esse pedaço de concreto, uma via direta até os corações e mentes das pessoas, de forma atemporal.

As transformações mais radicais na nossa percepção estão ligadas ao aumento da velocidade da vida contemporânea, ao aceleração dos deslocamentos cotidianos, à rapidez com que o nosso olhar desfila sobre as coisas. Uma dimensão está hoje no centro de todos os debates teóricos, de todas as formas de criação artística: o tempo. O olhar contemporâneo não tem mais tempo. (Peixoto, 1996, p. 179).

A invisibilidade do monumento público de Dona Dominga⁴ se confunde com a própria História dessa mulher, muitas vezes apagada pela inobservância de seus direitos mínimos, como, por exemplo: sua certidão de nascimento e óbito. Essa supressão de direitos básicos, que começa desde sempre na vida de Dona Dominga, parece ter se estendido ao monumento. Assim como a senhora, o bronze também existe, porém, da mesma forma é ignorado. Se sua data de nascimento é esquecida, tampouco se sabe sobre o dia de inauguração da estátua, uma escultura em bronze sem placa de identificação. São constantes na história dessa mulher os equívocos, esquecimentos e menosprezos. A Dominga de Crepaz, tem muito a nos dizer, em cada um de seus detalhes.

⁴ Dominga é o nome da escultura anotado em um documento assinado pelo artista Carlo Crepaz, quando ele e seu assistente catalogaram sua produção no Brasil. Destaco que aqui não há referência à pessoa Domingas, mas sim à escultura de Crepaz. Decorre, pois, desta observação a grafia utilizada.



Figura 1. Dona Dominga. Carlo Crepaz, década de 1970, bronze, detalhe. Vitória. Fonte: Acervo pessoal dos autores.

“Magra, negra, feia, desdentada, embodocada, lenta nos gestos e no andar, voz grave, parecendo de homem.” (Elton, 2014. p. 105). A partir dessa obra, pretende-se avançar ao centro do coração da cidadã Domingas (Figura 1), a trabalhadora, a mulher e, finalmente, iluminar uma personagem que se reflete em tantas outras do nosso cotidiano, ainda que escondidas pelas sombras da desigualdade, assim como a própria Dominga. Lançando mão das poucas informações públicas disponíveis, assim como de relatos a respeito dessa mulher, este trabalho terá como objetivo central transformar um objeto imóvel e inanimado numa expressão viva de resistência brasileira, capixaba e de periferia, presente de maneira real em nossos dias. A negação da existência de Domingas, ao contrário do que se possa imaginar, não se trata de desconhecimento da realidade social do país. É, basicamente, jogar as Domingas para debaixo do tapete, esquecê-las ao pé da escadaria. Dona Dominga é uma representação da segregação étnico-racial.

A segregação da pobreza ou a segregação da riqueza é referência base da literatura nacional, não é eficaz em problematizar o quadro da população negra nas cidades brasileiras. É preciso problematizar que a

questão das desigualdades e da marginalização da população negra na história do século XX e no atual momento, não se resume ao cenário da pobreza. (Oliveira, 2020, p. 135)

O simbolismo na localização da inserção da escultura de Dona Dominga

Ainda analisando a escultura e sua relação com a segregação racial, podemos nos dirigir ao local onde a obra está inserida (Figura 2). Dona Dominga, monumento que representa a pobreza e a fragilidade social, em forma de mulher, foi instalada aos “pés” do Palácio Anchieta, edificação de arquitetura eclética e imponente, sede do poder executivo, construído no topo de uma colina, em ponto estratégico do Centro de Vitória.



Figura 2. Dona Dominga, Vitória. Fonte: CEDOC-LEENA/Acervo pessoal dos autores.

No início da década de 1970, o então Prefeito de Vitória, Chrisógono Teixeira da Cruz, um empresário e conhecido colecionador de obras de arte, teve seu primeiro “encontro” com a personagem/escultura, que mais tarde viria ocupar um lugar de relevância no arcabouço de monumentos públicos da capital: Dona Dominga. Conhecida como a catadora de papel,

essa personalidade do universo sociocultural de Vitória possui particularidades que relataremos no decorrer do artigo.

Nas cidades, os olhos não vêem as coisas, mas figuras de coisas que significam outras coisas. Ícones, estátuas, tudo é símbolo. Aqui tudo é linguagem, tudo se presta de imediato à descrição, ao mapeamento. Como é realmente a cidade sob esse invólucro de símbolos, o que contém e o que esconde, parece impossível saber. (Peixoto, 1996).

A escultura de Carlo Crepaz (1919 - 1992), que traz a personagem Dona Dominga, mulher preta, pobre, de vida sofrida. Forjada na dureza do trabalho pesado, sob o sol escaldante da capital, a trajetória dessa mulher, atinge níveis verdadeiramente heroicos. Desprovida de oportunidades, assoberbada de responsabilidades, ela ainda encontrava tempo para a religião. Nem o cansaço, tampouco a vida dura, afastou essa Senhora de sua crença, sua força era sobre humana.

Ao investigar os monumentos públicos no município de Vitória, constatamos a pouca presença de mulheres, principalmente mulheres negras, um retrato de uma parcela da população que habita o Brasil desde o fim da escravidão, em 1888.

Ao analisar a obra de Crepaz, denominada Dona Dominga, entramos num campo maior, um campo que abarca assuntos como discriminação social, racial e de gênero. Ao nos aprofundarmos na figura de Dona Dominga, vemos o retrato da mulher negra entre o início dos anos de 1900 até meados de 2000. Dona Domingas poderia representar outras tantas... Marias, Inês, Carolinas.

Carolina de Jesus e Dona Dominga, similaridades

... Comecei sentir a boca amarga. Pensei: já não basta as amarguras da vida? Parece que quando eu nasci o destino marcou-me para passar fome. Catei um saco de papel. Quando eu penetrei na rua Paulino Guimarães, uma senhora me deu uns jornais. Eram limpos, eu deixei e fui para o depósito. Ia catando tudo que encontrava. Ferro, lata, carvão, tudo serve para o favelado (Jesus, 1992, p. 44).

Carolina Maria de Jesus (Figura 4) nasceu em 4 de março de 1914, na cidade de Sacramento, em Minas Gerais, migrou para São Paulo, onde viveu parte de sua vida como moradora da favela do Canindé, na capital desse Estado. Estudou por apenas dois anos, no que a época se chamava de estudo formal, escreveu um diário, onde seu cotidiano de catadora foi retratado numa literatura de testemunho totalmente memorialística. Nele, suas adversidades advindas da sua dura realidade foram expostas. Esse diário deu origem a um livro, Quarto de despejo: diário de uma favelada, obra reconhecida mundialmente, traduzida em mais de 14 idiomas, um fato extremamente importante, tornando-a uma escritora relevante no cenário nacional. Carolina conseguiu atingir um grande quantitativo de leitores. Por 2 meses foi o livro mais vendido no ano, de 1960.



Figura 3. A esquerda Dona Dominga. Carlo Crepaz, década de 1970, bronze. Fonte: CEDOC-LEENA. Figura 4. Carolina Maria de Jesus. Reprodução Internet.

A história, contada a partir da figura de Dona Domingas e do diário de Carolina, não terminou na década de 1970. Na verdade, o percurso segregacionista parece perpetuar-se no Brasil e em diversos outros lugares. Pouco avançamos em políticas públicas assistencialistas, que tentam resolver, retratar ou recuperar todo o processo histórico de exclusão pelo qual o povo negro passou, desde o início da escravidão no país. Segundo Silvio de Almeida, o racismo estrutural:

é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios, a depender ao grupo racial ao qual pertençam. (Almeida, 2018, p. 25)

Ao ampliarmos o campo de análise de esculturas que retratam personagens como a Dona Domingas, nos aprofundamos em feridas abertas, longe de serem curadas. Com os dados recolhidos e apresentados no texto, podemos perceber que a escultura de Carlo Crepaz não retrata um momento histórico passado, e sim um modelo recorrente, com o qual podemos esbarrar diariamente.

Enquanto passamos dia após dia, mês após mês, anos a fio, praticamente ignorando a figura de Dona Domingas, muitas perguntas sem respostas nos acoçam: Quem foi essa mulher? De que maneira conseguiu sobreviver a uma rotina tão dura de trabalho? (a despeito do romantismo ficcional a ela atribuído) finalmente, de que forma o resgate desse monumento histórico poderá trazer à luz as tantas Domingas contemporâneas a caminhar pelas ruas da capital, invisíveis e ignoradas.

Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de veludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo (Jesus, 1992, p. 37).

Como acontece em relação a boa parte dos ícones históricos populares, Dona Domingas morreu sem saber da grandeza de sua trajetória. Para ela, era muito mais simples, tratava-se da sobrevivência, sua "missão" traduzia-se em não morrer de fome. Sua "militância" se refletia na maneira altiva e digna que sempre se relacionou com seu ofício e o seu tempo. Não era panfletária, não defendia causas, pelo menos não de forma consciente. Dona Domingas é uma representante legítima de uma população pobre, trabalhadora e cumpridora de seus deveres, sem que com isso, necessariamente esteja a serviço de qualquer bandeira histórica. Essa

figura chamada de "Pietá do Lixo" é uma sobrevivente e, como tal, viveu um dia após o outro.

O ano era 1970, em curso a Ditadura Militar imposta ao país desde 1964,

Escancarada, a ditadura firmou-se. A tortura foi o seu instrumento de coerção e o extermínio, o último recurso da repressão política que o AI-5 libertou das amarras da legalidade. A ditadura envergonhada foi substituída por um regime a um só tempo anárquico nos quartéis e violento nas prisões. Foram os anos de chumbo (Gaspari, 2002 p. 12).

E foi nesse cenário improvável que uma mulher negra, pobre e representante de tudo o que o modelo de governo dominante não gostaria de externar, ascendeu. As condições desiguais e sub-humanas em que boa parte da população mais necessitada enfrentava, estavam ali personificadas pela imagem dessa senhora: Domingas era a antítese da propaganda militar, era o Brasil real. Sua simples existência e labuta diária gritava contra o "País que vai pra frente".

Este É Um País Que Vai Pra Frente
(Composição Heitor Carillo – Interpretação Os Incríveis)

Este é um País que vai pra frente.
Ou, ou, ou, ou, ou.
De uma gente amiga
E tão contente.
Ou, ou, ou, ou, ou.

Este é um País que vai pra frente.
De um povo unido.
De grande valor.
É o país que canta.
Trabalha e se agiganta.
É o Brasil do nosso amor.
É o país que canta.
Trabalha e se agiganta.
É o Brasil do nosso amor

Após o primeiro contato com a escultura de Dona Domingas, ocorrido no ateliê do artista italiano Carlo Crepez (radicado no ES desde 1950) começou

a nascer o que viria ser o grande marco da história dessa mulher, ainda que morta, reviveria, seria vista, notada, existiria, resistiria.

Segundo informações da Prefeitura Municipal de Vitória, Chrisógono Teixeira da Cruz, o então prefeito da cidade, decidiu fixar a estátua de Dona Domingas no coração de Vitória, ao lado da escadaria Bárbara Lindemberg, que dá acesso ao Palácio do Governo. Lugar tantas vezes ocupado pela trabalhadora Dominga, na sua árdua tarefa de coletar papel pelas ruas da cidade, maneira pela qual mantinha sua subsistência.

Não se pode afirmar ao certo se o objetivo de fixar ali, no local mais movimentado da cidade, era reviver de alguma forma o próprio percurso de Dona Domingas. Ao que parece, assim como a pessoa, o monumento também passa despercebido.

Um monumento público, para além de sua concepção estética e imagética, precisa, de alguma forma, sinalizar a história de sua época, a realidade em que ocorreu, uma espécie de memória transportada para além do tempo. Nesse sentido, Dominga, a catadora de papel, muito mais que uma "homenagem", nos remete a uma reflexão profunda sobre a maneira através da qual, um século antes, era tratada a população pobre, negra e desvalida, especificamente em Vitória, assim como sua "atividade" muitas vezes romantizada ao longo do tempo, nada mais era do que a face mais cruel de um período, um Brasil ainda colonial, escravocrata e desigual.

Carlo Crepaz: o escultor e sua obra

O Italiano Carlo Crepaz (Figura 5), radicado no Espírito Santo, sempre foi um observador do cotidiano, com vivências na Itália e Alemanha, exercendo nesses países seu ofício, Crepaz destacou-se pela sua sensibilidade e domínio da arte clássica no seu fazer escultórico. Chegando a Vitória no início da década de 1950, ele morou no bairro de Santo Antônio, onde também se localizava seu ateliê. Seu trabalho sempre foi muito requisitado pelas autoridades locais e continua exposto em diversos espaços públicos de Vitória, compondo o ecossistema urbano da capital.



Figura 5. Carlo Crepaz em seu ateliê. Fonte: <http://www.es.gov.br/site/noticias/show>.

A perfeição nos traços de suas composições artísticas, assim como o realismo, indubitavelmente, são duas de suas principais características enquanto criador.

Fica pouco crível, ao observarmos a escultura de Dona Domingas, que o autor daquele monumento não a conhecesse mais de perto, tamanha a fidedignidade da obra. A riqueza de detalhes captada pelo artista, refletida na face cansada, ombros arqueados e sobranceiras erguidas, nos remete nitidamente a uma pessoa exaurida e maltratada pelo tempo. Para além disso, sua expressão altiva, ainda que extenuada, reflete claramente sua dignidade enquanto mulher trabalhadora. Pouco sabemos a respeito da concepção dessa obra, são frequentes as narrativas dando conta de que teria sido encomendada.

Era de domínio público o mecenato atribuído ao então prefeito de Vitória, Chrisógono Teixeira da Cruz, o que explicaria a encomenda da obra e sua posterior inauguração.

O que se tem de concreto é a sua inauguração e sua autoria. A presente pesquisa tem o objetivo de humanizar o monumento público, dialogando

com a sua representatividade e, conseqüentemente, ressignificar uma história a muito contada através dessa obra, porém com um olhar mais detalhado e focado nas atuais relações de pertença do monumento. No caso específico, o monumento Dona Dominga “reside” no Centro da capital sem, no entanto, usufruir do respeito e reconhecimento inerente a sua importância na cidade. É comum a auto-homenagem das estruturas de poder, para que se perpetue uma imagem vitoriosa e imponente; não obstante, “Dominga”, por motivos óbvios ultrapassou os limites desse narcisismo tão característico ao status quo, sendo imortalizada na presente obra. A “conversa” com o monumento Dominga pretende, entre outras coisas, investigar aspectos da personalidade dessa mulher, enxergar sua importância histórica para muito além da época em que viveu. Para tanto, como já mencionado, parece inevitável transitar pela autoria, o artista Carlo Crepaz, cuja marca autóctone da periferia urbana está presente na construção desse monumento, o que nos remete a importante aspecto desse trabalho: a relação pessoal entre criador e criatura. Isso fica bem claro ao observarmos os detalhes da escultura. Finalmente, faz-se necessário, de forma atemporal “localizarmos” espelhamentos de Domingas na sociedade contemporânea.

Dominga na escadaria do poder

O estado de conservação, ou melhor, de abandono em que se encontra o monumento a Dominga, sinaliza de forma urgente em direção a um amplo movimento de resgate, não só dessa obra, mas do enorme arcabouço estatuário do estado do Espírito Santo.



Figura 6. Imagem noturna da Escultura da Dona Dominga. Fonte: Acervo pessoal.

O monumento à Domingas, apesar de bem localizado e, aparentemente intacto, carece de inúmeros cuidados sob pena de se perder ao longo do tempo (Figura 6).

A característica do trabalho de Crepaz reside na construção da personagem, privilegiando de forma contínua os detalhes de seu rosto, assim como sua expressão facial. Não obstante a qualidade da obra de arte, esses detalhes, fundamentais na construção da mulher Dominga, correm sério risco de deterioração em função do tempo e exposição a luz solar, a corrosão pelo fenômeno da maresia, sem nenhum tipo de acompanhamento especializado no que diz respeito a sua integridade.

Cabe ao poder público, enquanto guardião dessas obras, a função do zelo e da constante manutenção de sua originalidade, sob pena de se perder parte importante da história contada através dos monumentos.

Considerações finais

A pretensão desse ensaio é tão simples quanto a história de vida de Dona Domingas, nem por isso menos profunda: transportar no espaço-tempo,

através de uma obra metálica e inanimada, um pouco de vida, um pouco de Domingas, a catadora de papel.

Considerando a função dos monumentos públicos para além do arcabouço formal e meramente acadêmico, essa investigação, de alguma forma, objetiva dialogar com o tempo, suprimir a distância física-temporal que a ciência impossibilita, é sentar-se e conversar com essa senhora.

Ouvir de Domingas sobre suas próprias percepções a respeito do mundo em que viveu, apesar de aparentemente quixotesco se revela surpreendentemente possível, através de seu monumento. Cada traço desenhado pelo artista, estampado na escultura, revela um pouco da verdadeira Domingas e de sua trajetória nesse lugar. Essa "conversa", a princípio com o artista, se apresenta a todos nós, num profundo e reflexivo colóquio, sobre quem foi, quem é e o que nos traz de contemporâneo a personalidade Domingas.

A invisibilidade da mulher nos monumentos públicos, em especial as negras, é um grande desafio a ser destrinchado e vencido. Nesse contexto, a mulher Domingas nos convida à reflexão.

Referências

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Editora Letramento, 2018.

DE OLIVEIRA, R. J. Segregação racial e desigualdades urbanas nas cidades brasileiras: elementos para uma observação da necropolítica. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S. l.], v. 12, n. 34, p. 131-156, 2020. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1127>. Acesso em: 15 jun. 2022.

ELTON, Elmo. **Velhos templos e tipos populares de Vitória**. Vitória, ES: Editora Formar, 2014.

GASPARI, Hélio. **A ditadura escancarada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo** – Diário de uma favelada. São Paulo: Editora Ática, 1992.

PEIXOTO, Nelson Brissac. **Paisagens urbanas**. São Paulo: Editora Senac, 1996.

VAŠINOVÁ, Klára. **Favelas do Brasil**: a origem, o desenvolvimento e a característica das favelas brasileiras. Disponível em:

<https://economia.uol.com.br/noticias/estado-conteudo/2023/03/17/ibge-brasil-tem-11403-favelas-onde-vivem-cerca-de-16-milhoes-de-pessoas.htm>. Acesso em: 15 jun. 2022.

Recebido em: 20 de junho de 2022.

Publicado em: 30 de dezembro de 2022.